Capoeirando

Um Tributo à Cultura Popular

Ano II nº 4 JUNHO-JULHO-AGOSTO / 96

Iê, Camará!

Capoeirando *volta às suas mãos. Por motivos alheios à nossa vontade, a periodicidade trimestral da revista não pode ser cumprida, mas volta com força total. Entretanto, esta interrupção revelou o carinho dos leitores e a importância desta publicação no meios capoeirístico: eram dezenas de cartas que ininterruptamente chegavam, além de inúmeras pessoas que nos batizados e eventos perguntavam a todo instante: "E aí, quando sai a próxima revista?".*

Agradecemos a força que temos recebido de nossos leitores , e devolvemos este Axé nesta edição, sempre preocupados com a responsabilidade de informar e abrir espaço para a reflexão. A equipe da Capoeirando está empenhada no compromisso de divulgar a capoeira e a cultura popular, com muito amor.

FALA, MESTRE ..... 4 e 5
LINHA DIRETA 6
NO TOQUE DO BERIMBAU 7
VOLTA AO MUNDO ..... 8 a 10
FUNDAMENTOS 11
HISTÓRIA ..... 12 a 15
ANGOLA E REGIONAL ..... 16 a 19
TRIBUTO 20
EUSÉBIO LÔBO 21
SAIDEIRA 23

Aquele abraço !

Esta foi a capa da ***Capoeirando nº 3****, se você ainda não tem procure:*

1- nas academias de Capoeira de sua cidade

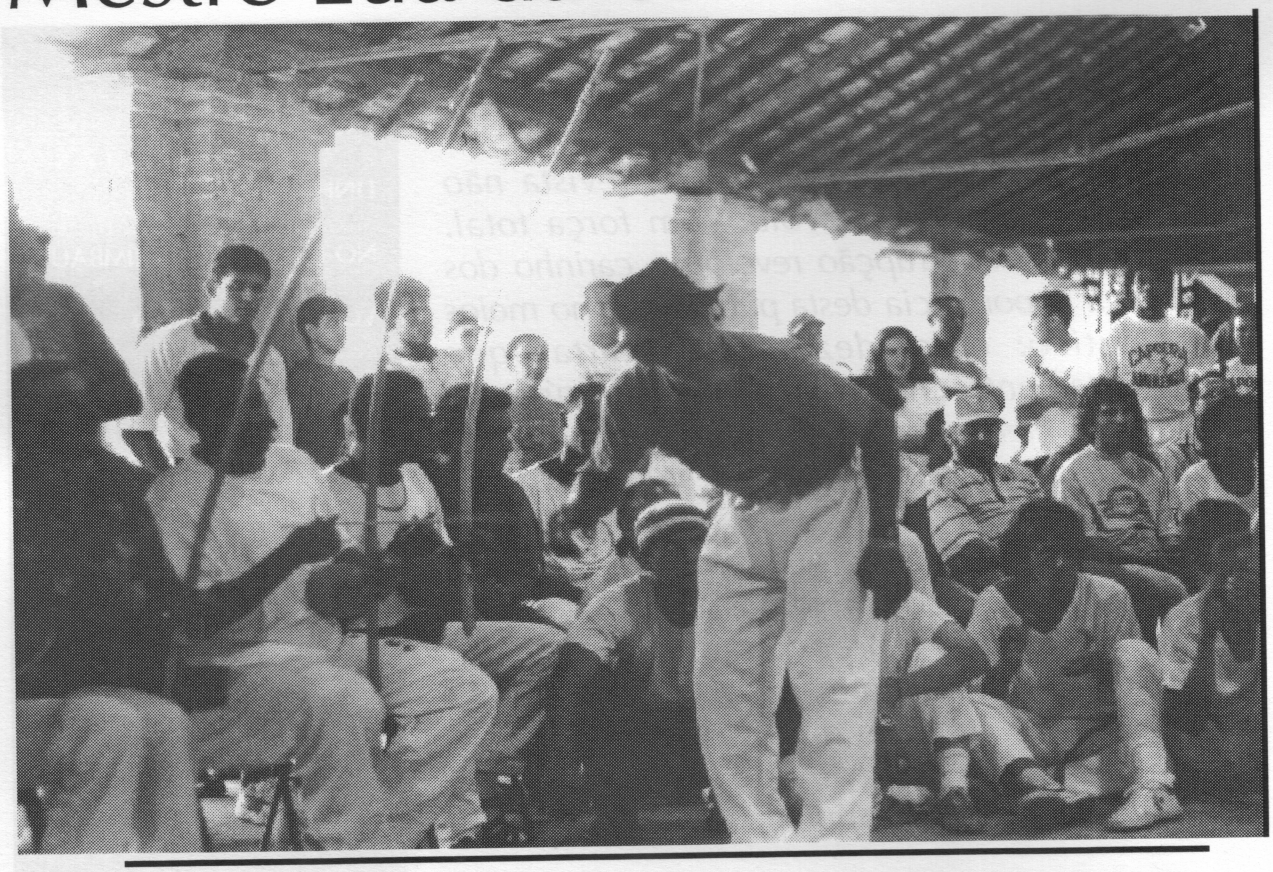
2- na biblioteca central de sua universidade

3- ou então peça pra gente, pela caixa postal !

APOIO
FAEP

FALA MESTRE

Mestre Lua dá continuidade



Mestre Lua de Bobó, ou Olhar para a Lua, é o apelido de roda de Seu Edvaldo Borges da Cruz, 46 anos de idade. Mestre Lua nasceu em Arembepe, mas viveu sua infância difícil na Engomadeira do Retiro, em Salvador. Conheceu Capoeira ainda menino, com dez anos de idade,e conta que seu tio o levava para o Tororó, bairro de Salvador :

"Lá era Mestre Bobó quem ensinava, num espaço bem pequenininho, mas sempre dizia: angoleiro tem que jogar no apertado, pra poder se defender. E assim aprendi a Capoeira, agradeço a Mestre Bobó e hoje tô tocando o barco", comenta.

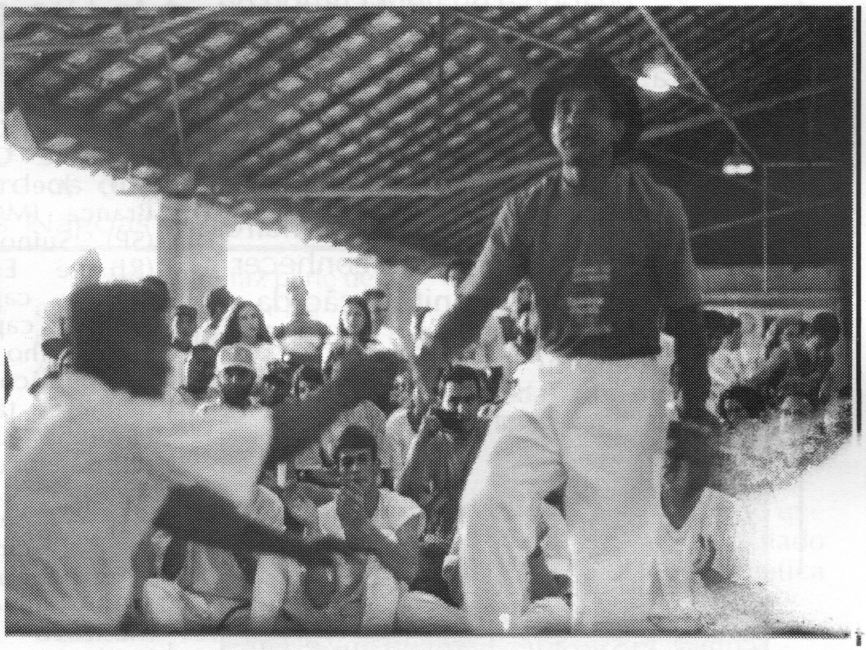
Além de ser Mestre de capoeira, Lua trabalha como azulegista, não fatura muito, mas está satisfeito com o que tem, como ele próprio diz.

Encontramos com Mestre Lua no batizado de Dominguinhos, grupo Raiz Negra, na cidade de São Sebastião em agosto de 1995 e dois meses depois no evento de Zequinha, Piracicaba.

Sempre com seu chapéu de lado e seu bom humor, mostrou um jogo ágil e inteligente para angoleiro nenhum duvidar de sua fama.

Para quem tiver a oportunidade de ir à Salvador, procure Mestre Bobó na Av. Vasco da Gama, nº 282, no DIC,
onde dá aula todas às 2ªs e 4ªs, à noite.

ao trabalho de Mestre Bobó



Capoeirando - O que é ser mestre de Capoeira?

Mestre Lua - Ser mestre é muito difícil, é uma pessoa que tem que ter muito conhecimento. O mestre verdadeiro é o dono do mundo... Na verdade é o povão que diz se o mestre é uma pessoa capacitada ou não. Antigamente não existia diploma e tudo bem. Antes de eu receber o meu diploma já me chamavam de mestre.

Capoeirando - Com quem mestre Bobó aprendeu capoeira?
Mestre Lua -Ele não abria muito espaço para nós alunos perguntarmos, dizia : aprendi com Carroceiro. Ele chegava e passava aula. Na minha época não tinha a parte da história, não. O mestre não conversava quase nada da história da capoeira, quem era quem, como tem hoje em dia.

Capoeirando - O senhor tem religião?
Mestre Lua - Sou católico. Mas na capoeira cada um tem sua cabeça. Mestre Bobó dizia apenas que agente tem que ser fechado, tem que se cuidar e a religião cada um escolhe a sua.

Capoeirando - Qual sua visão sobre o número crescente de mulheres capoeiristas?
Mestre Lua -É uma maravilha, vejo que as mulheres estão se dando muito bem. Na verdade a capoeira favorece muito o corpo da mulher, ela tem mais jeito, com certeza.

Capoeirando - Na sua opinião, por que a maioria dos mestres antigos ainda não receberam seu devido valor e reconhecimento?
Mestre Lua Na minha opinião, a maioria dos mestres não tinham conhecimento, assinavam qualquer coisa, sem ter um saber. Iam colocando o dedão e tudo bem. Muitos se aproveitaram desses mestres velhos, que tem sabedoria, mas não nessa parte.

Capoeirando - Na sua opinião o que pode ser feito para que os Mestres tenham reconhecimento?
Mestre Lua -Tem que fazer tudo certinho para ter um bom retorno. Meu mestre Bobó, falecido, não teve nenhum retorno, não só ele como outros mestres antigos e que já se foram e ainda tem muitos aproveitadores e os mestres têm que tomar cuidado com isso.
Capoeirando - O senhor já saiu do Brasil?
Mestre Lua -Já fui duas vezes para os EUA

Capoeirando - Como é jogar em outro país?
Mestre Lua -É bom, o pessoal admira muito essa coisa gostosa que nós trazemos. No nosso Brasil só nós que não enxergamos o valor que temos e lá fora o pessoal aplaude de pé, digo porque vi. Por isso tem muitos que não voltam mais.

Capoeirando - O que é capoeira Angola?
Mestre Lua -É vida, saúde, eu nem sei dizer, é tudo. Resumindo, é a coisa que me sinto bem. Só mesmo Deus pra dizer o que vem no meu coração. Só vendo na hora do jogo pra você entender a energia que eu coloco e que o povo passa.

Capoeirando -O que é mais importante no jogo?
Mestre Lua -Tudo , desde que seja tudo organizado, bateria correta, entrada, tudo em ordem.

Linha direta

Esta é a seção da Revista onde você é o responsável.
Este espaço está aberto para sugestões, críticas, opiniões de todo e qualquer grupo ou indivíduo que se interesse pela Capoeira, ou que faça parte de qualquer movimento cultural resgatando a tradição popular.

Através desse intercâmbio, as pessoas de diversos Estados brasileiros e até outros países poderão conhecer diversas formas de manifestação da cultura popular brasileira.

Monte Santo de Minas, MG

Participei do "III Encontro Sul mineiro de Capoeira" realizado em Passos, Minas Gerais, onde tive a oportunidade de conhecer grandes pessoas que realmente se preocupam com a nossa arte. Preocupam-se em manter a tradição da capoeira (...) porque perdendo a tradição a capoeira não terá mais o mesmo objetivo, pois está ficando muito violenta, com movimentos hiper rápidos, mas sem "noção", sem "malícia" e sem "raciocínio", até mesmo de muitos mestres.

Na minha opinião, aprender "capoeira", não é aprender a brigar, é aprender a Luta de um povo que se expressou em movimentos físicos, pela necessidade de liberdade, a liberdade de ser gente, de ter direitos iguais de ser humano.

(...) Foi neste encontro que descobri esta maravilhosa revista Capoeirando e venho através desta pedir com gentileza, se houver possibilidade que me enviem as anteriores. Gostaria, também, de parabenizar à todos os responsáveis por este trabalho que estava faltando pra gente, dando a oportunidade de divulgar o nosso trabalho com toda dedicação e todo respeito !

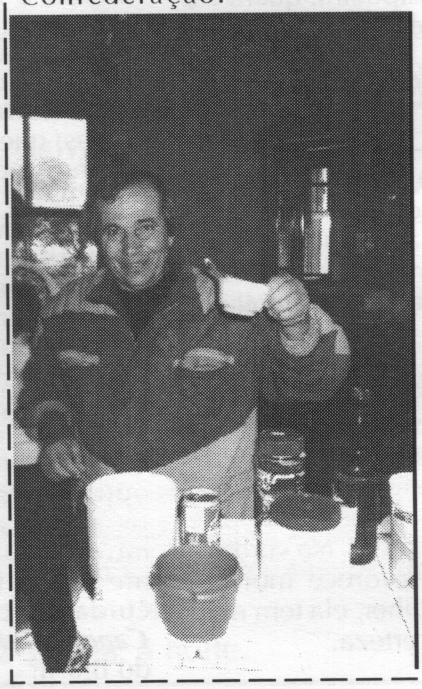
Estou lhes enviando uma das minhas ladainhas. Vou me despedindo por aqui, meus camaradas, que Oxalá abençoe todos com muito axé, para sempre continuarem fazendo este trabalho! Axé!

INSTRUTOR DANIEL MAGRÃO

Batizado da Cordão de Ouro

O evento anual do grupo Cordão de Ouro, Mestre Suassuna, aconteceu em São Paulo, no Ginásio do Ibirapuera, envolvendo participantes de vários Estados, além de São Paulo, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará , Goiás e Paraná. Estavam presentes representantes dos grupos Senzala, Capoeira Gerais, Capoeira Brasil e Candeias. Os Mestres Gato (RJ), Joel (SP), Gaguinho (SP), Mão Branca (MG), Marrom (RJ), Deputado (SP), Suíno (GO), Lobão (SP), Aberrê (RJ) e Espirro Mirim (CE), entre outros capoeiristas importantes do mundo capoeirístico, deram à festa um brilho especial, para a alegria do público que lotou o ginásio. As mulheres também brilharam, Jô (RJ) e Paulinha (CE), mostraram a força e a performance da mulher na capoeira.

O evento começou pela manhã com oficinas gratuitas de maculelê e capoeira, abertas ao público. À tarde houve a roda de professores e Mestres convidados, antes do batizado. Na oportunidade Mestre Suassuna foi homenageado pelo Presidente da Confederação Brasileira de Capoeira (C.B.C.), Sérgio Vieira, que lhe entregou dois diplomas: o primeiro confere ao Mestre o título de "Mestre de Honra" e outro de filiação do Grupo Cordão de Ouro à Confederação.



Mestre Suassuna na confraternização em seu sítio, São Paulo, depois de muito jogar no batizado. Na confraternização a roda rolou até o dia seguinte. Haja disposição !

*MARTA L. JARDIM

NO TOQUE DO BERIMBAU

A relíquia de um "canto de capoeiras" do século passado

No Toque do Berimbau o primeiro registro da musicalidade da capoeira do século XIX: um canto de desafio entre os dois grandes grupos de capoeira- os Nagoas e os Guaiamuns.

Os Guaiamuns cantavam:

"Terezinha de Jesus
abre a porta e apaga a luz
Quero ver morrer Nagoa
Na porta do Bom Jesus

Os Nagoas respondiam:

"O castelo içou bandeira
São Francisco repicou
Guaiamum está reclamando
Manuel Preto já chegou"

Essa letra faz parte de um canto de capoeira e foi registrada por Plácido de Abreu em sua obra "Os Capoeiras" (1), em 1886, na cidade do Rio de Janeiro. Esse canto foi chamado de "toada" pelo autor e revela o conflito entre os grupos de capoeiras no século XIX: os Guaiamuns e os Nagoas. Esses grupos encontravam-se divididos em diversas facções correspondentes às freguesias da cidade.

Atualmente, essa "toada" tem um grande valor histórico, por confirmar a presença do canto, nos conflitos, o nome dos grupos de capoeira e revelar a presença de Manoel Preto, enquanto um dos líderes dos Nagoas.

Interpretando essa "toada" podemos entender um pouco mais da cultura capoeira na tradição das "maltas" do século XIX. O canto é o mais antigo, no que se refere a um registro datado da musicalidade na prática dos capoeiras.

(1) ABREU, Plácido de. "Os Capoeiras" Rio de Janeiro. Tip. Escola Seraphim Alves de Brito. 1886. p. 03

Colaboração: Antônio Liberac Cardoso Simões Pires (ver páginas 12 e 13).

VOLTA AO MUNDO

Tai Chi-Chuan & Capoeira: uma sutil semelhança

Autor: J. Justin Meehan
Tradução e Adaptação: Prof.º Dr. Eusébio Lôbo da Silva
Colaboração: Andrezza C. Moretti

À primeira vista as pessoas podem pensar que Capoeira e Tai Chi Chuan (TCC) são muito diferentes para serem comparadas. Embora estas artes sejam diferentes na aparência, elas possuem interessantes similaridades.

No passado, as pessoas desprezavam a Capoeira por causa de sua origem, de sua prática nas ruas e de sua péssima receptividade por parte das classes mais altas da sociedade brasileira. Contudo, eu acredito que esta visão da capoeira ocorreu como resultado destas diferenças de classes sócias do que uma honesta apreciação desta nobre arte.

Eu considero estas duas artes como tesouros nacionais, merecendo igual respeito. Acredito que a Capoeira merece o mesmo respeito que o Jazz tem obtido nos Estados Unidos. Ambos, Jazz e Capoeira, nasceram na América e possuem uma origem afro-americana.

Há muitas teorias sobre as origens da Capoeira, mas, devido à destruição de suas memórias após a Abolição dos escravos no Brasil em 1888, nós, provavelmente, nunca mais poderemos saber a sua verdadeira origem.

Alguns acham que ela nasceu na África e foi transportada para o Brasil, enquanto outros acreditam que ela tenha se desenvolvido durante ou depois da escravidão pelos escravos africanos e suas crianças. Acredito que ela tenha uma origem brasileira, porque nós não encontramos nada, nem remotamente, que tenha um desenvolvimento similar nas outras áreas onde a escravidão do oeste africano era comum. Embora haja similaridades na música africana, religião, costumes, alimentação e dança nestas áreas, a Capoeira é singular e a única que apareceu inicialmente no Nordeste brasileiro. Como conclusão, eu acredito que ela seja uma singular criação africana, americana e mulata.

O TCC também possui alguns mistérios que guardam as suas origens. A forma original do TCC surgiu da família Chen, do Clã que se localizava da China Central na província Henen. A arte original possuía mais de uma forma e era mantida em segredo dos membros de fora da família. Ela não era ensinada a membros femininos da família, porque esperava-se que as mulheres se casassem com membros que não fossem da cidade da família Chen. Entretanto, foi permitido a um estranho com o nome de Yang Lu Chan estudar esta arte e, após dezoito anos de ensinamentos, lhe foi permitido sair da vila da família Chen para ensinar a Manchu Royalty na cidade capital de Beijing em meados de 1880.

Yang Lu Chang (1799 - 1872) mudou o caminho pelo qual lhe foi ensinada a arte da família Chen. Ele ensinou somente a primeira rotina e lapidou os movimentos e marchas. A arte tomou uma aparência menos marcial e continuou a ser modificada na aparência pelos seus filhos e netos que continuaram a difundí-la (a qual foi denominada TCC). Entretanto, o segredo mitológico da família Chen continuou a crescer independentemebte da origem desta arte.

Os praticantes do estilo Yang começaram a difundir a história na qual o TCC foi desenvolvido nos tempos antigos por um nômade legendário Taoista denominado Chang - San - Feng. Até hoje, existem pessoas na China que acreditam nesta origem mitológica.

A maioria dos modernos historiadores das artes marciais chinesas chegaram àconclusão, baseada nos registros da memórias históricas da família Chen, que o atual fundador, ou originador do que agora chamamos de TCC, era da nona geração da família Chen o patriarcal General Chen Wang - Ting. Ele desenvolveu esta arte após uma retirada

Ideograma realizado por Nancy Lee Kuk, novembro de 1992

depois da invasão dos guerreiros Manchu que conquistaram a China em meados de 1600. Depois de retornar à sua vila, dividiu seu tempo entre a fazenda e o desenvolvimento das rotinas de artes marciais.

General Chen Wang - Ting criou sete rotinas baseadas no conhecimento existente das artes marciais que prevaleceram no militarismo. A maioria dos movimentos podem ser encontrados retornando-se aos tratados das Artes Marciais, escritos pelo General Ji Guang, que combinou o melhor das dezesseis artes marciais que prevaleceram no seu livro. Estas sete formas foram mais tarde combinadas em duas formas, no tempo em que Yang Lu Chan estudou com a família Chen, e esta é somente a primeira forma que foi modificada e ensinada pela família Yang. Então, justamente como a Capoeira de Angola, precedeu a Capoeira Regional, o TCC da família Chen precedeu todas as outras formas de TCC. Nós não pretendemos, necessariamente, dizer que uma é melhor do que a outra, entretanto nós devemos reconhecer as raízes, se desejarmos obter um completo entendimento destas artes.

Ambas, Capoeira e TCC possuem uma influência espiritual. Apesar de não ser necessário, a qualquer pessoa, praticar os aspectos espirituais destas disciplinas, poderá ser difícil entender a Capoeira sem entender o Candomblé e será difícil entender o TCC sem entender o Taoísmo. Ambas desenvolveram-se numa forte cultura espiritual. Na extensão em que o espiritual pode ser unido ao físico nas artes marciais, o praticante poderá obter uma vantagem tanto na prática como na eficácia. Hoje, o homem moderno encontra-se espiritualmente alienado. A este respeito, para aqueles que escolhem estas duas artes, é oferecido a oportunidade de estar ciente de sua espiritualidade tanto quanto de sua defesa pessoal. Nenhuma destas duas Artes encontra-se somente limitada na prática marcial; ambas podem ser apreciadas pela habilidade de unir o físico e o espiritual.

A maior similaridade entre estas duas artes é também sua maior diferença. Ambas as artes buscam a harmonia dos seus movimentos com os do oponente. O movimento do oponente cria a resposta do praticante da Capoeira ou TCC. Entretanto, o TCC procura manter um contato sensitivo com o oponente todo o tempo, enquanto a Capoeira usa o contato somente no momento final do uso da execução de sua técnica. Em todos os outros momentos a Capoeira procura fundir-se com o "vazio" do espaço oponente, com o ritmo e com a movimentação.

Entretanto, a Capoeira de Angola começa com os dois parceiros levantando os braços e juntando as palmas das mãos e movendo-se juntos até a primeira tentativa da técnica ofensiva. Assim como existe a famosa "Parada da Angola", na qual os companheiros passam a ter contato direto pelas palmas das mãos, é similar a "Técnica de esfregar as mãos", treinamento de exercícios de contato sensitivo que fazem parte do coração do TCC.

Estas artes enfatizam a harmonia com um oponente, e com isto o trabalho com os pés e com uma base sólida se tornou muito importante. O TCC sempre é praticado com os dois pés solidamente em contato com o chão. Apesar da Capoeira regional ter introduzido muitas posturas em pé, as mãos são também usadas para suportar o corpo. Há muitas similaridades entre os trabalhos dos pés na famosa Ginga da Capoeira e nos trabalhos circulares dos pés no TCC. Ambos tentam expor o lado desprotegido do oponente de modo a entrar por um ângulo indireto, ao invés de entrar somente por uma posição direta. Uma exceção para evitar um ataque direto e frontal em ambas as artes é a utilização do Chute de Calcanhar Frontal no TCC ou a Técnica da Benção utilizada na Capoeira.

Ambas as artes tem seus golpes de mãos, golpes de pés, golpes de travas de juntas, golpes para desequilíbrio das

pernas e do torço etc. Nenhuma delas se especializou no agarrar e nem permite que o tronco de nosso corpo toque o chão. Entretanto, a Capoeira possui um grande trabalho técnico de luta no chão e de rasteiras. O TCC somente tem um movimento de chão o qual chamamos de "Ground Dragon"(enraizando o Dragão). Enquanto o TCC dá atenção para a luta no nível alto, médio e baixo, ele basicamente usa o nível alto. A Capoeira, principalmente a de Angola, está, em todos os sentidos, compatível aos mais sofisticados estilos de lutas de chão da China, exceto ao estilo de luta chamado "Macaco" do tipo Chinês,pois nenhuma outra arte faz um uso tão efetivo de técnicas enquanto estar sobre as mãos quanto a capoeira. Muitas das mesmas técnicas são encontradas nestas duas artes.

A Capoeira e o TCC têm preferência pelas técnicas circulares que requisitam de forma total as dinâmicas do corpo. Ambas possuem: golpes que utilizam as partes internas e externas das pernas, em uma dinâmica crescente (Meia Lua); possuem um *empurrão a frente usando os calcanhares* (Benção); utilizam golpes de joelhos e cotovelos, golpes com as costas e as palmas das mãos. Estas duas artes também tiram inspiração dos melhores lutadores da natureza, os animais. A Capoeira imita os movimentos do macaco, do escorpião, do gato e da cobra. O TCC possui movimentos que foram denominados cobra, tigre, dragão.

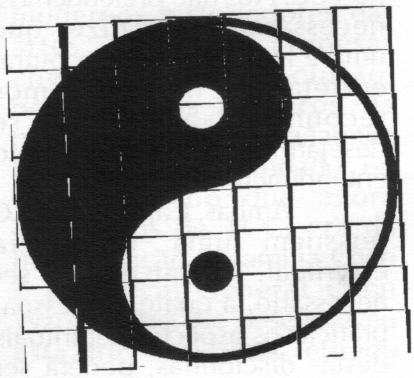
As técnicas básicas são compartilhadas por ambas as artes. A estratégia no uso de cada técnica dá a cada arte seu próprio e único estilo. A essência da Capoeira está contida na concepção da "Malícia" a qual envolve o fazer imprevisível, criativo e de modo surpreendente. A essência do TCC é a habilidade de utilizar o Yin sobrepondo o Yang e o Yang sobrepondo o Yin, através do contato sensitivo. Isto não significa, somente, o uso do leve sobrepondo o pesado, ou o pesado sobrepondo o leve; pode também incluir o uso do alto sobrepondo o baixo e o baixo sobrepondo o alto, como na Capoeira. Assim como a concepção de "Malícia", um princípio que é bem entendido equivale a 1000 técnicas. A habilidade em aplicar as técnica da Capoeira e do TCC requerem relaxamento e sentido de alerta.

Estar relaxado é a essência que liga estas duas artes como irmãs. Não importa o quanto elas sejam diferentes em suas aparências exteriores, pois, ambas requerem relaxamento interno e externo para que se possa estar "ligado" com o oponente e reverter seu ataque contra ele mesmo.

Eu espero que os meus comentários encoragem mais interesse em ambas as artes. Qualquer pessoa que tenha o atrevimento de comparar uma arte com outra, na tentativa de demonstrar qual é a melhor, apenas estará valorizando sua suprema ignorância e imaturidade. Eu peço desculpas a todos os grandes mestres passados por qualquer erro de minha parte e convido outros a oferecerem as suas opiniões. Esta é a estratégia chinesa chamada "Desistindo de um tijolo para se ganhar uma barra de ouro". Eu, especialmente, agradeço ao meu professor, aluno, amigo e irmão Mestre Eusébio Lobo da Silva, pela oportunidade de expressar minha humilde opinião, neste que é um presente a todos os amigos da Capoeira, a revista Capoeirando.

J. Justin Meehan é advogado e escritor. Conhecido professor e estudioso de TCC desde 1967, ele é um dos mais respeitados escritores sobre o assunto, aparecendo freqüentemente na revista de Tai Chi Chuan (Tai Chi Chuan Magazine). Tem estudado com os maiores mestres mundiais de TCC incluindo Yang Zhen -duo (o filho de Yang Chen-fu), William C. C. Chen (o "premier" discípulo e lutador de Cheng Man - ching), Chen Xiao Wang (19ª geração da família patriarcal Chen) e Feng Zhi - giang (o famoso (Push Hands Master) do estilo Chen). Seus próprios alunos têm sido considerado os primeiros, pelas suas vitórias em campeonatos regionais e nacionais nos E.U.A..

Como complemento ao TCC, Sifu Justin também aprende e ensina Qi Gong (o sistema ioga budista e taoista) para a saúde, cura e desenvolvimento espiritual. Recentemente, conduziu um workshop em Campinas, São Paulo (Dez 1995),para onde espera retornar.



FUNDAMENTO

A Capoeira e a Verdade

A Capoeira é uma sabedoria desenvolvida pelo povo brasileiro a partir do século XVI com elementos rituais, rítmicos, corporais, etc., dos povos negros da África aqui trazidos a ferro e fogo, mais os elementos da cultura indígena e com absoluta certeza também do colonizador dominante, tornou-se, no decorrer dos séculos a forma mais significativa da "Cultura de Resistência". Como tal, tem sido o conjunto expressivo mais múltiplo e ebulitivo da simbologia de resistência vivida e praticada por tantos séculos. Nada a estagnará ou a transformará em pacote - pronto para comercialização no atual "mercado do corpo em movimento", mesmo ante as tentativas, algumas até ousadas, na direção desse campo inumano, mecânico, impróprio para a sua prática.

A Capoeira de Angola, mais diretamente relacionada com as estruturas e formas originais do conjunto de manifestações interrelacionadas para a formação e surgimento da Capoeira primitiva ou original, tem o compromisso de manter e passar às gerações atuais e futuras, o conjunto de manifestações que constituem essa fatia viva da sabedoria popular. O compromisso dos Mestres contemporâneos, nas diversas linhas da Capoeira, deve ser com a Verdade, pois somente a Verdade faz História e se perpétua em Cultura sempre viva e resistente.

Quanto mais envolvida com mistificação das verdades contidas no ensinamento da Capoeira, mais distante estarão de transmitir aos seus discípulos e às gerações futuras a fórmula básica para o melhor momento aproveitamento do seu trabalho: Verdade e Simplicidade.

Verdade para entender a Capoeira como manifestação dinâmica, que se alimenta hoje, para vingar amanhã. Simplicidade para se sentir, humildemente, um instrumento de transmissão.

A consciência da desmistificação e simplificação do ensino e da transmissão da Capoeira para as gerações futuras deverá ser o compromisso sério a ser assumido pelos mestres contemporâneos.

O espaço-ambiente cultural da Capoeira, não é próprio para competição das afirmações pessoais. De nada adianta a fabricação de um Quilombo imaginário, somente para repetir formas já superadas pela própria ação da resistência ou atender à mitificação do desnecessário, incorrendo em erros e práticas piegas que não refletem a realidade do cidadão contemporâneo, o qual enfrenta a dureza da realidade atual, tão árdua e melhor equipada de artifícios. O "capitão-do-mato", hoje tem um olhar eletrônico e nos caça pelas cabeças.

Contribuir para isso, enquanto prática superficial, ou mesmo, a falsidade com os compromissos dos brasileiros de hoje e suas dificuldades reais, é negar a própria consciência da Sabedoria popular e consequentemente da Capoeira, de forma covarde e aproveitadora.

O caráter qualitativo da Cultura, define o conjunto de expressões verdadeiras, que possuam estrutura simples e objetivas para enfrentar a longa travessia da afirmação do Homem, sua educação e perpetuação cultural, através dos tempos, contribuindo contribuindo para a Verdade, realizando na sua resistência, a própria História do seu povo, a exemplo do despojamento e dignidade do trabalho de homens da grandeza de Mestre Pastinha e Mestre Bimba, dos quais tive a honra de ser discípulo.

*** Jota Bamberg - Mestre Angoleiro**

HISTÓRIA

A criminalidade e as relações raciais na Capoeira do Rio de Janeiro, no início do século XX

Em primeiro lugar gostaria de mencionar minha satisfação em poder escrever para essa Revista, a qual considero um importante espaço de diálogo com os praticantes da capoeira. Em segundo, gostaria de falar um pouco sobre minha tese de mestrado na qual realizei alguns estudos sobre as práticas dos capoeiras na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

O nome que designei à tese foi "A capoeira no Jogo das Cores" Criminalidade, cultura e relações raciais na Cidade do Rio de Janeiro -1890 a 1937". Neste período de estudos a prática da capoeira foi proibida no artigo 402 do código penal de 1890.

A seguir, exporei um pequeno resumo da tese para que os leitores tenham uma visão mais geral do trabalho. No primeiro capítulo estudo os trabalhos de Plácido de Abreu, Manoel Querino, Renato de Almeida, Edson Carneiro e outros que escreveram à pelo menos 40 anos atrás e já morreram, deixando importantes contribuições para entendermos o que foi a prática da capoeira naquela época. Também converso com estudiosos da capoeira na atualidade, como Eugênio Soares, Letícia Reis, Angêlam, Frigério, Renato Vieira, Nestor Capoeira e outros que devem ser conhecidos por vocês. No segundo capítulo conto como era praticada a capoeira no Rio de Janeiro desde o século passado e finalmente no terceiro e quarto capítulos, estudo os capoeiras na primeira metade do século XX.

O que fiz foi reunir cerca de 300 processos contra os presos pela prática da capoeira. A maioria desses processos ocorreram nas décadas de 30 e 40 de nosso século. A partir desse material pude reconstruir uma série de padrões sociais, além de descobrir histórias fascinantes vivenciadas pelos praticantes nessa época.

Pude descobrir que a maioria dos presos pela prática da capoeira, tinham entre 15 e 25 anos e moravam nos bairros periféricos da cidade. Em sua maioria eram nascidos na cidade do Rio de Janeiro, mas encontrei diversos presos oriundos de outros Estados, como São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Rio Grande do Sul etc. Também existiam praticantes de várias nacionalidades como italianos, espanhóis, ingleses e principalmente portugueses, que representavam 14% entre os 20% de estrangeiros.

O padrão ocupacional dos presos por capoeira também é bastante diversificado. 48% dos presos por capoeira trabalhavam nas ruas, 18% eram artesãos, 11% no comércio, 5% de funcionários públicos e apenas 4% não possuíam qualquer ofício.

A partir dessas informações eu poderia mencionar diversas questões que aparecem na tese de

A imagem que se tem da capoeira no período em que é considerada como prática de marginais e vadios não corresponde aos praticantes da época.

mestrado, mas escolhi apenas uma questão para iniciarmos esse primeiro momento de troca de informações.

A partir dos dados de pesquisa, principalmente no que se refere ao padrão ocupacional dos presos por capoeira, podemos chegar à conclusão que a maioria deles vivia o cotidiano próprio dos indivíduos das classes trabalhadoras naquela época. Portanto, por mais que as organizações jurídico-policiais tenham construído uma imagem de vadios e marginais em relação aos praticantes da capoeira, pude constatar que as práticas dos capoeiras não correspondem a esse tipo de visão. Essa imagem de vadios relacionada aos praticantes da capoeira tornou-se dominante, inclusive no meio dos praticantes na atualidade. Mas é hora de começarmos a mudar esta visão, pois não fazem justiça àqueles que mantiveram a cultura da capoeiragem no passado.

A capoeira foi praticada majoritariamente pelos indivíduos das classes trabalhadoras e ainda mais, a partir da cultura da capoeiragem diversos grupos de profissionais se organizaram por categoria profissional, pois encontramos grupos de cocheiros, comerciantes, carroceiros, trabalhadores nas vias férreas, pescadores e outros que foram presos enquanto grupos específicos de profissionais. A maior prova da capoeira enquanto prática de indivíduos das classes trabalhadoras foi a impossibilidade das instituições jurídicas de condenarem os presos por capoeira, pois em sua maioria apresentavam laços com o mundo do trabalho. 72% entre os presos foram absolvidos e apenas 28% condenados. Entre os condenados temos representantes dessa imagem de indivíduos marginais, mas eram a minoria. Na verdade a repressão à capoeira também foi uma forma de repressão à organização política da classe trabalhadora. E os indivíduos que procuraram tais organizações foram taxados de vadios e marginais.

Obs: Dados adicionais ver tese "A Capoeira no Jogo das Cores. Criminalidade, Cultura e Relações Raciais na Cidade do Rio de Janeiro - 1890 a 1937"; autor, Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, doutorando em História na Unicamp. Esta tese foi defendida no Departamento de Pós-Graduação em História da Unicamp, no dia 26 de março de 1996.

HISTÓRIA

A capoeira em São Paulo

Historicamente a capoeira foi discriminada, desde quando o negro escravo usou o seu corpo como instrumento de ataque e defesa contra seu opressor. Quando foi instituída a Lei Áurea (suposta libertação dos escravos no Brasil), mais uma vez o negro usava seu corpo como forma de sobrevivência através dos movimentos da capoeira. Na década de 30, os capoeiristas foram ferrenhamente perseguidos e aprisionados, (muitos em Fernando de Noronha), época esta em que a capoeira foi proibida nas ruas, assim como o candomblé.

Na realidade essa discriminação existe até hoje, certamente transformada através dos tempos, devido à expansão, se assim posso chamar, da capoeira para o Brasil e para o mundo.

Na introdução da capoeira em São Paulo, no final da década de 60 e começo de 70, não poderia ter sido diferente, pois os mestres que aqui chegaram com a intenção de abrirem academias ou trabalharem com capoeira em algum lugar, encontraram muitas dificuldades e muita discriminação.

Não só a discriminação da capoeira em si, pois a maioria das pessoas não sabia ao certo o que era ou de onde vinha e associavam-na diretamente ao candomblé e à umbanda, ou seja, "coisa de negros".

A discriminação passava também pela figura do baiano, do nordestino que migrava para a grande cidade em busca de emprego, (parece que não mudou muito), e logicamente pela questão racial.

Mas o capoeirista encontrou outro problema. Para introduzir-se no mercado, ele teria que competir com o Kung-fú, Tae kwon do, karatê e Judô, modalidades que já estavam no mercado e eram reconhecidas como lutas, como defesa pessoal, enquanto que a capoeira chegava aos olhos da grande maioria como uma dança apenas, supostamente sem utilidade como defesa pessoal.

As pessoas não percebiam, e ainda hoje algumas não percebem, que esta é a magia da capoeira. Não notavam, não só porque acreditavam apenas no que supunham estar vendo, (uma dança), mas também porque a história oficial, passada no ensino de primeiro e segundo graus, não contava esta parte de resistência popular que nosso país viveu: lembremos que estávamos em pleno regime militar.

As pessoas olhavam para o "jogo da capoeira", como o Sinhô ou o feitor olhavam para os negros escravos quando estes "brincavam de angola". Mas quando o Sinhô se afastava, os negros transformavam aquela "dança" em uma luta de guerra e eram capazes de fazer coisas com o corpo que até hoje, quando alguém vê uma roda de capoeira, às vezes duvida.

Foi neste momento que a capoeira angola perdeu o espaço (que já não tinha) em São Paulo, pois a capoeira regional se apresentava mais competitiva em comparação ao que já havia no mercado.

Junto a isto, os mestres se viam na obrigação de serem os melhores no meio da capoeiragem, pois assim seriam reconhecidos e consequentemente conseguiriam mais alunos e seriam respeitados.

Assim, o que se via nos batizados de capoeira e na Praça da República, (que se tornou um ponto de encontro dos capoeiristas em São Paulo, onde eram feitas grandes rodas), era uma pancadaria só, onde quem saía perdendo, mais uma vez, era a imagem da capoeira.

Este comportamento perdurou por mais alguns anos, (alguns capoeiras ainda se comportam assim), até que foi fundada a Federação Paulista de Capoeira, com a intenção de unir os capoeiristas, regrar a capoeira e promovê-la para o grande público, (isto, segundo os organizadores da época).

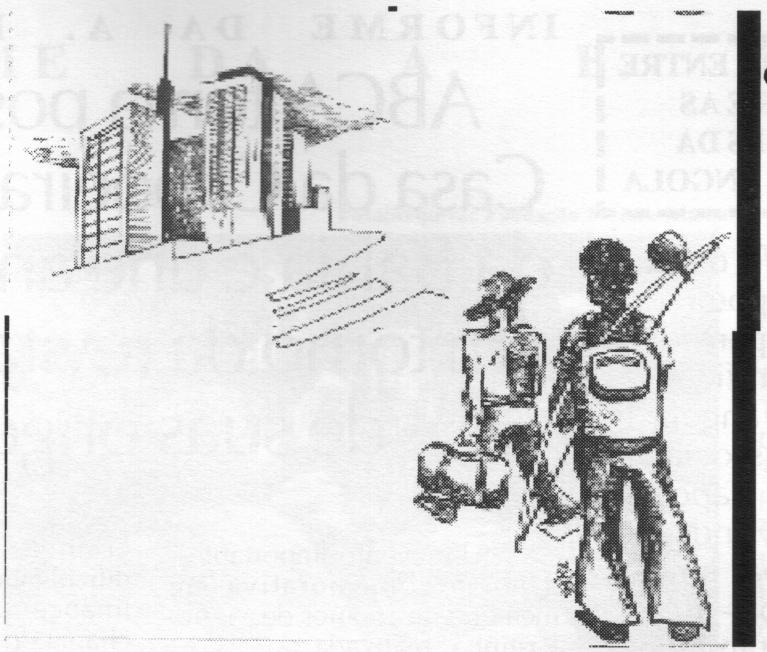
Ocorre que, naquela época, a Federação apresentou-se aberta só para alguns, surda para outros e omissa para a grande maioria dos capoeiristas (sendo que alguns de seus fundadores eram militares).

Foi quando, não concordando com a maneira com que esta Federação direcionava as coisas, surgiram dois grandes grupos de capoeira em São Paulo: o Grupo Cativeiro e o Grupo Capitães de Areia.

Ambos rejeitaram a ideologia que a Federação impunha, como por exemplo, a graduação onde os cordões tinham as cores da bandeira, (verde, amarelo, azul e branco).

O Grupo Cativeiro optou pelas cores que representam os orixás e assumiram a ideologia de divulgar a capoeira em todo o Brasil, buscando a perfeição dos movimentos, o estudo dos rituais e a união dos componentes do grupo, estabelecendo quase que um código específico e fechado.

O Grupo Capitães de Areia optou por uma



* Texto: Lelo
Casa de Capoeira
Malungos

graduação que representava a evolução da história do negro no Brasil onde a primeira era uma corrente (escravo), a segunda uma corda (quilombola), a terceira um lenço no pescoço (liberto), assim, até atingir a graduação onde o capoeira poderia dar aulas e abrir sua academia, tornando-se neto, bisneto de seu mestre, etc.

Este grupo preocupou-se com a questão histórica, política e cultural da capoeira e se apresentou em vários lugares com esta proposta.

Ambos os grupos caíram no mesmo erro: a Violência na Capoeira onde sempre tinha que existir o melhor, onde sempre tinha que haver um vencedor. Componentes deste grupos não podiam se encontrar em rodas, pois se repetia a história das maltas do início do século (Guaiamuns e Nagoas), ou seja, acontecia só pancadaria.

Ocorria que o público que assistia, passava a ter uma imagem da capoeira cada vez pior e ficava cada vez mais difícil conseguir adeptos ou simpatizantes.

Vivenciando tudo isso, eu não conseguia entender como uma manifestação cultural de resistência como a capoeira poderia ter como opressores os próprios capoeiristas, sendo que ela foi criada justamente para libertar, para agrupar, e não para dividir e oprimir o oprimido.

Assim passei a fazer do meu corpo, através dos movimentos da capoeira, minha forma de libertação, minha ideologia de igualdade e meus princípios de que a violência poderia ser evitada no meio da capoeiragem. Acreditava que poderia fazer com que os capoeiristas, (principalmente os mestres), refletissem sobre sua história, seu lugar social e político, sua situação no mercado de trabalho e sua importância histórica e cultural no universo da capoeira.

Comecei entrevistando todos os mestres e professores que conseguia contatar, questionando principalmente sobre suas origens, seu início na capoeiragem em São Paulo, a forma de graduação que adotavam e sobre a violência na capoeira. Muitos mestres nem quiseram conversa, outros ignoravam minha preocupação e poucos se propuseram a conversar.

Juntei as fitas que tinha e passei a ouvi-las com atenção. Repassei meu caminho na capoeira e tudo que tinha visto e vivenciado no meio da capoeiragem.

Comparei com o que tinha lido sobre o assunto e senti a necessidade de ler ainda mais. Frequentei bibliotecas, livrarias, lojas de discos, academias e todos os lugares que pudessem me trazer algo sobre a capoeira em São Paulo.

Foi quando tive consciência de algumas coisas muito importantes para minha "pesquisa", e mais do que isso, para a minha vida. Percebi que a Capoeira esteve comigo nas fases mais importantes de meu desenvolvimento pessoal (físico e psicológico) e que com ela e através dela eu estava ajudando a escrever a história da capoeira e vivenciando-a intensamente.

Percebi que a capoeira é inatingível em sua essência, pois ela existe independentemente de seus praticantes e continuará sempre existindo, pois ela faz parte da história de um povo. Hoje sei que a violência vem daqueles que a usam com este fim e que as pessoas mostram seu estado emocional quando a praticam.

Aprendia a deixar a capoeira se manifestar em mim através dos movimentos do meu corpo, aprendi a entender os ritmos e os jogos da capoeira e principalmente, seu ritual e sua filosofia.

LINHA DIRETA ENTRE O LEITOR E AS ENTIDADES DA REGIONAL E ANGOLA

A partir desta edição, a Capoeirando abre espaço para duas entidades significativas da capoeira angola e regional: a Associação Brasileira de Capoeira Angola e a Fundação Mestre Bimba, ambas de Salvador - BA. Está abeta, também, para outras entidades.

Desta forma, o leitor terá mais informações e reflexões precisas sobre o que acontece no mundo da Capoeira.

* Estas seções são de inteira responsabilidade das entidades que estiverem participando. Capoeirando apenas se propõe a publicar os textos enviados, se reservando ao direito de vetar textos que sejam ofensivos a alguma pessoa, entidade, grupo ou associação, de forma direta ou indireta ou em caso da informação checada estar incorreta.

INFORME DA A. B. C. A.

ABCA toma posse da Casa da Capoeira Angola da Bahia e une angoleiros em torno da revitalização de suas origens

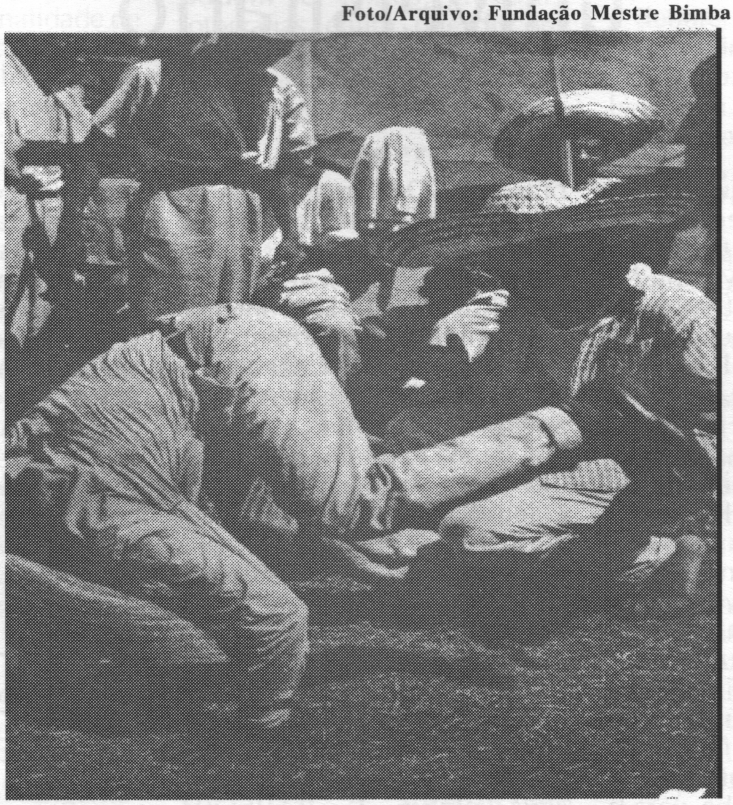
Um evento importante - a missa comemorativa em memória de 15 anos de Mestre Pastinha, realizada no dia 12 de abril p.p., na Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, Salvador, tornou-se o marco principal para afirmar que a capoeira Angola está cada vez mais viva.

A campanha de abaixo-assinados, iniciada em meados de abril, em prol da Casa da Capoeira Angola na Bahia, que além do Brasil mobilizou também a imprensa e entidades estrangeiras, provou que a Capoeira Angola já tem credibilidade assegurada no exterior, principalmente na Alemanha, Estados Unidos, França e Argentina, onde existem grupos conscientes desenvolvendo a Capoeira Angola de raiz, surgida no Brasil com os escravos africanos.

A necessidade de devolver à Capoeira Angola o lugar de destaque na cultura negra, obscurecido pela falta de um baluarte que mantivesse unidos os angoleiros, fez nascer na Bahia um movimento que veio para revitalizar os fundamentos da verdadeira Capoeira Angola. O ensino, através de alguns pequenos grupos existentes nos bairros, dirigido principalmente à crianças, elaborado com dificuldades pela falta de apoio financeiro, manteve acesa a chama dos fundamentos. Mas, isto não impediu que muitos se afastassem de suas raízes, favorecendo o surgimento de outros ramos de capoeira. A criação da Associação Brasileira de Capoeira Angola, em 18 de julho de 1993, foi o primeiro passo para resgatar a tradição. Zelosos e orgulhosos de suas origens, os verdadeiros angoleiros sentiram renascer a esperança de reunir os companheiros fiéis em torno de um mesmo ideal e assim fortalecer os laços da Capoeira Angola. Porém, faltava ainda algo mais forte que concretizasse esse ideal. Foi aí que surgiu a Casa da Capoeira Angola da Bahia, agora uma realidade, com a entrega do prédio à diretoria da ABCA, através de contrato assinado em 17 de maio p.p., em reunião na Gerência de Patrimônio Imobiliário, no IPAC, que teve a presença do Mestre Gildo Alfinete, um dos mais incansáveis batalhadores. Situada à rua Ribeiro dos Santos, nº 27 (antiga rua do Passo), no Centro Histórico de Salvador, Pelourinho, ela via restaurar os pedaços da história espalhados por todo o Brasil, trabalho que está sendo

INFORME DA A. B. C. A.

Foto/Arquivo: Fundação Mestre Bimba



iniciado na Bahia, através do contato com os Mestres mais antigos que detém a tradição oral da verdadeira Capoeira Angola.

O que a ABCA pretende é devolver à Capoeira Angola o lugar de destaque que ela merece, pesquisando um acervo preciosos que vai tornar acessível aos órgãos que desenvolvem a cultura no Brasil, a verdadeira história dessa cultura trazida pelos escravos africanos.

Cabe à Associação Brasileira de Capoeira Angola, como representante máxima dos angoleiros, exercer seu papel fiscalizador, o que será feito pela regularização dos registros dos grupos de Capoeira Angola, através do Departamento Jurídico, já implantado. Ao departamento de Jornalismo e Marketing, caberá divulgar os grupos de Capoeira Angola associados e desenvolver seminários informativos de trabalhos assistencialista.

Além disso, os angoleiros e seus dependentes poderão contar com assistência médica e odontológica e desenvolver os laços sociais através da implantação de esporte e lazer para os associados. O ensinamento das tradições afro-brasileiras; o aprendizado da capoeira angola, maculelê, puxada de rede, dança afro, entre outras modalidades desenvolvidas nas Oficinas de Arte; o artesanato, visando a arte típica da Bahia; e outros cursos profissionalizantes a serem criados, estão desenvolvendo na criança o amor e o respeito pelos fundamentos, acelerando assim o resgate das origens culturais da Capoeira Angola.

A diretoria fundadora, composta pelo presidente Gilberto Reis (Mestre Barba Branca), vice-presidente Agnaldo da Silva Santos (Mestre Mala), 1º Secretário José Wenceslau Brito (angoleiro Marrom), 2º Secretário Hilda de Mello Costa (Hilda Seabra), 1º Tesoureiro Oswaldo Santana (Mestre Baixinho de Bobó), 2º Tesoureiro Ciro Trindade (Mestre Ciro), Diretor Social: Gabriel Pontes (angoleiro Gabriel), Diretor Jurídico Dr. Jô de Bois e o conselheiro Mestre Gildo Alfinete de Pastinha. Todos eles não mediram esforços para chegar a esse resultado. Um resultado que dependeu da luta e da persistência de pessoas que acreditam na força da união, traduzido na posse da Casa da Capoeira Angola da Bahia, que é considerada hoje, pelo IPAC (e de maneira bem merecida), parte do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Bahia.

Para associar-se basta contatar o tel (071) 381-5784, ou fax (071) 321-5938, à rua Carlos Gomes, nº 890 (Térreo) Salvador - BA CEP 40060-600.

INFORMES DA FUNDAÇÃO MESTRE BIMBA

Bimba ganha título universitário

No dia 12 de julho (p.p.) a Universidade Federal da Bahia (UFBA), outorgou a Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, o título de Doutor Honoris Causa "Post Mortem", em solenidade acontecida no salão nobre da Reitoria, assistida por familiares e alunos do Mestre, além de intelectuais, capoeiristas da Angola e da Regional provenientes de vários Estados do Brasil, políticos, sindicalistas e membros da Universidade.

Em nome da Universidade falou o prof. Hélio Campos, da Faculdade de Educação, que justificou a outorga do título em função da inestimável contribuição da obra do Mestre Bimba para a cultura brasileira e, em especial, para o ensino universitário. O prof. Hélio acentuou que atualmente a capoeira se constitui numa prática curricular de várias universidades brasileiras, tendo incorporado como modelo, o método de ensino desenvolvido por Mestre Bimba. Além disso, a obra de Bimba enriquece o conhecimento universitário, como alvo de monografias, teses, seminários ...

O título foi entregue a Demerval dos Santos Machado, que em nome da família fez um discurso de agradecimento, destacando a luta de seu pai para afirmação sócio cultural da capoeira, num período de grandes adversidades e de perseguição policial movidas contra essa manifestação da cultura afro-brasileira. Demerval destacou o valor universal da obra de Bimba, na medida em que ela ultrapassou os limites da cor, da condição social, das fronteiras geográficas, concernente ao destino da capoeira: dar a volta ao mundo. Ele considerou que apesar da forte marca pessoal que Bimba imprimiu à sua obra, ela tem uma dimensão coletiva, quanto à sua origem e destino. Sendo assim, a homenagem, por ele recebida, deveria ser estendida aos seus ancestrais, aos velhos mestres da capoeira, aos seus colaboradores mais próximos, seus alunos e aos atuais capoeiristas condutores do seu legado.

Em seguida, o Reitor Felipe Serra usou da palavra para compatibilizar a figura do homenageado à de um Reitor e sua Academia como uma universidade popular. Encerrou sua fala comparando Bimba a Glauber Rocha, dois grandes desbravadores culturais.

No final da solenidade, Mestre Nenel, outro filho de Bimba, convocou os capoeiristas presentes para formarem uma roda para os capoerês (grupo das crianças) jogarem, sinalizando a continuidade do legado cultural do Mestre Bimba.

Em breve, Mestre Bimba receberá duas outras significativas homenagens: a medalha Tomé de Souza, concebida pela câmara de Vereadores da Cidade de Salvador, no dia 15 de agosto do presente ano; e no carnaval de 1997 será homenageado pelo Ilê Aiyê, no seu tema carnavalesco, como uma das pérolas negras do saber, assim como Mestre Pastinha, Camaféu de Oxossi e outros.

A Fundação tem como objetivo várias atividades:

Núcleo de Documentação

Alimentado constantemente com novos títulos (atualmente mais de 5 mil), o acervo multimídia da Fundação já se encontra em fase de catalogação e informatização para melhorar o atendimento ao público interessado na prática e estudo da capoeira. Mesmo sem espaço físico adequado para se instalar, o Núcleo de Documentação continua colaborando com estudiosos da capoeira, nacionais e estrangeiros, que constantemente demandam informações.

O Núcleo que será batizado com o nome "Jair Moura" (pesquisador histórico

da capoeira) prevê no seu projeto o funcionamento dos seguintes serviços: biblioteca, banco de dados, mostras de audio visuais constantes e itinerantes, publicações e seminários. Com a finalidade de estimular o estudo da capoeira está prevista a realização de concursos de monografias.

Para atender o crescente interesse que a capoeira vem despertando no Brasil e no exterior e colaborar para eliminar a escassez das fontes de informações, o Núcleo está entrando na Internet, através da home-page da Fundação (em fase de elaboração). Estamos também instalando bibliotecas de capoeira em outros estados brasileiros e estrangeiros. Assim se espera contribuir para a socialização e democratização dos ensinamentos da capoeira, acompanhando o seu destino de espalhar-se pelo mundo afora.

Memória do Berimbau

Um estudo abrangente sobre o berimbau, considerando os diversos cuidados recomendados pelo Mestre Bimba para sua confecção e manuseio. Para desenvolvê-lo se estabeleceu parcerias com o Instituto Mauá, Universidade do Amazonas, Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBÁ) e diversos grupos de capoeira. Atualmente o projeto foi adotado pelo Grupo de Etnociências da Universidade Federal da Bahia. Os resultados parciais deverão fazer parte de um exposição que será montada durante a realização da Feira Internacional de Arte Popular do SEBRAE, em Salvador, durante o mês de Janeiro de 1997.

Os interessados em colaborar, devem enviar informações sobre o tipo de madeira utilizada na confecção do seu berimbau e sobre as experiências realizadas na parte musical da capoeira. Os materiais a serem enviados podem ser textos, gravuras, fotografias, enfim, que discorra sobre o "arco musical" africano, brasileiro ou de qualquer outra parte do mundo.

Capoerê

Este projeto é, na verdade, um serviço sócio-cultural gratuito, destinado às crianças e adolescentes, desenvolvidos com o apoio do Instituto Mauá e integrado ao Programa Ação Criança do Governo do Estado da Bahia. O projeto Capoerê funciona através de cinco núcleos com 237 crianças integradas, tendo trabalho até a atualidade com mais de mil crianças, desde 1992, ano da sua criação.

"Aprender Capoeira para ensinar os camaradas " é o lema do Capoerê que está sincronizado com um aspecto do método de ensino do Mestre Bimba, o qual procurava socializar o aprendizado fazendo com que o aluno mais velho ensinasse o mais novo.

Cursos Intensivos de Capoeira Regional

Um módulo de múltiplas atividades e serviços compõem o curso intensivo de Capoeira Regional, orientado pelo Mestre Nenel. A Fundação vem realizando esses cursos em algumas cidades brasileiras, tendo como objetivo aprofundar o conhecimento da Luta Regional Baiana em sua integridade: o jogo, o canto, o toque, e artesanato dos instrumentos musicais, sociabilidade e história.

O módulo é composto das seguintes atividades: treinamentos (sequência, golpes, esquenta banho); formação de jogos (São Bento Grande, Banguela e lúna); artesanato e toques de berimbau e pandeiro; aulas de canto, mostra de audio visuais (vídeos, discos, exposição de documentos); rodas de capoeira e debate; posto de vendas de camisas, instrumentos e matéria prima para confecção de berimbau.

Para melhor fixação das informações, as atividades devem ser realizadas durante três dias, em dois turnos diários, sendo que os custos de hospedagens, transportes e remuneração do Mestre ficam por conta dos patrocinadores locais.

Este curso coloca em evidência um trabalho que vem sendo desenvolvido há seis anos, voltado para a reconquista da originalidade da Regional e reconstituição da sua integridade cultural, muitas vezes considerada deteriorada em função do pragmatismo de sua rápida expansão pelo mundo afora, principalmente após a morte do seu criador. Este trabalho, que vem sendo acompanhado por antigos alunos de Bimba, por estudiosos da cultura negra em diversas áreas como a música, dança, antropologia, botânica, entre outras, tem revelado resultados que hoje são identificados pela comunidade da capoeira, despertam interesse cada vez maior, causam polêmicas e servem de matriz para outros mestres.

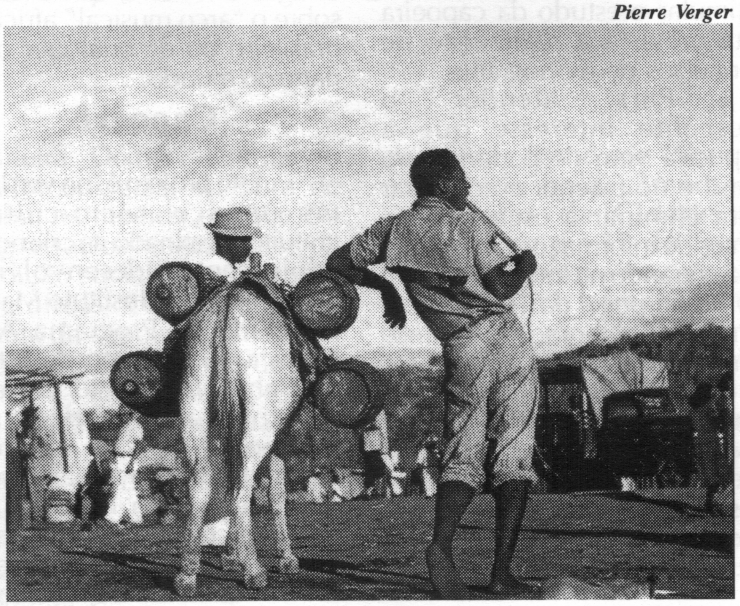
Para solicitar esse curso:

*** Envie carta à Fundação Mestre Bimba**
Av. Joana Angélica, 588
Nazaré - Salvador - BA
CEP 4050.000
**** Telefone:**
(071) 321-5501. Procurar Fred ou Nenel, pela manhã
***** E-mail:**
zeca@cult.com.br

TRIBUTO

Pierre Verger, o mais baiano dos franceses

Pierre Verger



Pode-se dizer que Pierre Verger (1902-1996) foi um dos mais importantes pesquisadores da cultura afro-brasileira que o país já conheceu. Francês de nascimento, tornou-se brasileiro de coração, numa história que teve início em 1932, quando, aos trinta anos, saiu de seu país natal munido de sua câmera fotográfica para "ver o mundo" através de suas lentes. O fotógrafo captou imagens de povos de inúmeros países, como o Taiti, o Japão, a China, os Estados Unidos, entre outros. Travou seu primeiro contato com a África negra em 1935, passando por Mali e pela Nigéria. Mas o ano de 1946 é que mudaria definitivamente o percurso de Verger: chega no Brasil e, influenciado por Roger Bastide (outro estudioso da cultura afro-brasileira). parte para a Bahia.

Neste momento iniciou-se o seu "caso de amor com o Brasil": penetrou no universo dos batuques, das rodas de capoeira, do candomblé, das danças e comidas, enfim, passou a conviver com a "África brasileira".

Em 1948 ingressa no candomblé, mais precisamente no Axé Opô Afonjá, o famoso terreiro de Mãe Senhora (atualmente dirigido por Mãe Stela de Oxóssi), onde foi proclamado Oju Obá, "os olhos de Xangô". Com esse profundo mergulho na cultura afro-brasileira, Verger se sentiu "obrigado" a voltar para a África a fim de conhecer mais profundamente os laços que unem o Brasil com o continente negro. Neste contexto o fotógrafo foi aos poucos cedendo espaço ao pesquisador, que descobriu e organizou uma série de cartas enviadas por um negreiro chamado Tibúrcio dos Santos. Após 17 anos de pesquisas, estas cartas resultaram no livro "Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de todos os Santos". Tais cartas falavam do comércio clandestino entre África e Bahia no século dezenove, e constituíram material fundamental para os estudos sobre a escravidão no Brasil.

Ainda na África, Verger novamente mergulha nos mistérios da religião, nasce como Fatumbi ("renascido pelo Ifá") e torna-se babalaô, título dado aos adivinhos da religião iorubá.

"Curioso" incorrigível, Verger deixou um legado incalculável sobre a negritude no país, em livros e imagens fotográficas que traduzem com maestria o significado da presença negra no Brasil. Seu último trabalho, Ewé ("folhas"), é resultado dessa "curiosidade": um apanhado de ensinamentos dos mestres e babalaôs da África sobre o uso das folhas e plantas, medicinais, ou não, que Verger recolheu durante os anos de estadia na África. Reunir este saber num livro foi a forma que ele encontrou para passar adiante este conhecimento, uma vez que, após tornar-se babalaô, tinha o dever de transmitir o seu saber a outras pessoas. Assim, em Ewé encontramos receitas as mais variadas possíveis, passando desde os banhos sagrados das divindades até receitas para curar espirros, fraturas ou qualquer outro mal não tão "sagrado" assim.

Rodeado por amigos, sempre, Pierre Verger foi, ao longo dos anos, construindo um mundo de imagens e histórias para contar. Verger deixou saudades. E uma herança que jamais imaginou possuir. Verger, "o mais baiano dos franceses".

EUSÉBIO LOBO

ANTIGAMENTE TODOS SABIAM DAS REGRAS BÁSICAS DA CAPOEIRA

Na minha infância, meu painão permitia que eu aprendesse capoeira, pois considerava "coisa de malandro". Tive que começar a aprender escondido, esperava a hora em que ele fosse trabalhar, para procurar o amigo que eu considerava mestre: Lupa do Garcia, angoleiro, excelente sambista, compositor, percussionista, enfim, um verdadeiro talento da cultura tradicional. Só tive a permissão de meu pai para praticar capoeira depois de convencê-lo que meus estudos formais eram de excelente qualidade.

Naquele tempo, muitos aspectos do jogo eram destacados como regras que hoje (na maioria das vezes) deixam de ser postas em prática. Vamos descrever algumas na tentativa de elucidar as antigas regras ou fundamentos da capoeira.

O jogo tinha algumas regras que todos aprendiam e respeitavam logo de início. Por exemplo: não se podia bater no adversário quando ele estivesse jogando em baixo, a não ser que ambos descessem o jogo; caso contrário tal atitude era considerada deslealdade, ou mesmo incompetência. Um bom capoeirista, portanto, era aquele que sabia jogar tanto em cima como em baixo.

Era considerado um bom capoeirista, também, aquele que sabia jogar junto, encadeando seus movimentos com o do companheiro, entrando e saindo com facilidade, explorando ao máximo o repertório da capoeira. Este era o verdadeiro jogo da capoeira, diferente do "jogo-exibição" ou "jogo para turista"", onde havia a permissão para se jogar com uma maior distância do adversário, pois, deste modo, podia-se demonstrar as habilidades acrobáticas, ou mesmo fazer um jogo combinado.

> "Jogar bem era permitir ao adversário o ataque, e sair do golpe com destreza"

Não era permitido bater em um adversário sabidamente mais fraco, e se isto acontecesse, ou um outro capoeirista mais velho tinha a obrigação de comprar o jogo, ou o jogo seria controlado pelo berimbau. Além disso, aquele que tentasse explorar o mais fraco se arriscava a cair em total descrédito na comunidade. Entretanto, era permitido ao aluno mais velho aproveitar a oportunidade para exercitar as suas próprias habilidades, o que normalmente provocava muitos risos na platéia e um enorme aprendizado ao iniciante.

Um aluno mais novo não chamava um aluno mais velho para jogar, a não ser que ele já se considerasse bom o suficiente para tal. Quando esta situação ocorria era muito interessante, pois estabelecia-se um desafio: ou o aluno mais novo estava preparado e conseguia se defender das investidas do mais experiente, ou saía do desafio um pouco machucado. Mesmo neste último caso, o mestre nunca deixava que os alunos ultrapassassem os limites.

Hoje, poucos respeitam essas regras, provavelmente pela enorme diversificação do uso da capoeira e da criação de vários sub-estilos, principalmente, nas últimas décadas.

O ideal seria que novos métodos e estilos surgissem, onde os fundamentos básicos da capoeira não fossem esquecidos. Isto começou a acontecer nestes últimos tempos, com a valorização dos mestres antigos , com o objetivo de se assimilar os fundamentos abordados nos papos informais. O aumento de leituras especializadas sobre capoeira também demonstra a busca desses fundamentos.

***Eusébio da Silva Lobo**, Mestre Pavão, é Doutor em Dança pela UNICAMP e ex-discípulo do M. Bimba.*

SAIDEIRA

Iê, Vamo s'imbora, camará
Iê, pelo mundo a fora,
camaradinha!

Neste momento em que você está lendo esta página, pode acreditar (e até imaginar) a equipe da Capoeirando correndo o mundo afora (da capoeira) para mantê-lo informado e trazer as melhores reflexões a fim de enriquecer sua vivência com a capoeira, seja direta ou indiretamente.

Enquanto estivermos preparando o nº5, com reportagens especiais, entrevistas interessantíssimas, a Volta ao Mundo por Portugal e outras informações, você poderá continuar mergulhando nas histórias que a capoeira tem para contar. Por isso estamos indicando uma bibliográfia básica para o capoeirista ou interessado em cultura popular. Aproveite!

ALMEIDA, Bira (M. Acordeon). CAPOEIRA - A BRAZILIAN ART FORM. Ed. North Atlantic Books. California. EUA. 1943.

ALMEIDA, Raimundo Alves de Almeida (Itapoan).BIMBA- O PERFIL DO MESTRE. Centro Editorial e didático da UFBA. Salvador, B.A. 1982.

_____ A SAGA DO MESTRE BIMBA. Ed. P&A. Salvador, BA. 1994.

_____ BIBLIOGRAFIA CRÍTICA. Ministério da Educação e do Desporto. CIDOCA. Brasília. DF. 1993.

AREIAS, Almir das. O QUE É CAPOEIRA. Ed. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. S.P. 1993.

BARBIERI, César. UM JEITO BRASILEIRO DE APRENDER A SER. Ministério da Educação e do Desporto. CIDOCA. Brasília. DF. 1993.

CAPOEIRA, Nestor. O PEQUENO MANUAL DA JOGADOR DE CAPOEIRA. Ed. Ground . RJ. 1981

_____ OS FUNDAMENTOS DA MALÍCIA. Ed. Record, R.J. 1992

_____ O GALO JÁ CANTOU: CAPOEIRA PARA INICIADOS. Ed. Arte Hoje, R.J. 1988.

CARVALHO, Mônica e PEREIRA, Carlos. CANTOS E LADAINHAS DA CAPOEIRA DA BHAIA. Ed. Cia. Bahia. Salvador. Bahia Tursa.1992.

COUTINHO, Daniel (M. Noronha). O ABC DA CAPOEIRA ANGOLA. Ministério da Educação e do Desporto. CIDOCA. Brasília. DF. 1993.

MOURA, Jair. CAPOEIRA- A LUTA REGIONAL BAIANA in Cadernos de Cultura, número 1, ano Salvador,B.A. 1979

PASTINHA, Mestre. CAPOEIRA ANGOLA. Fundação Cultural do Estado da B.A. Salvador, BA. 1988

REGO, Waldeloir e GOLDGABER, Fernando. CAPOEIRA- ENSAIO FOTOGRÁFICO. Ed. Itapoã. Salvador, BA. 1969.

REGO, Waldeloir. CAPOEIRA ANGOLA- ENSAIO SÓCIO-ETNOGRÁFICO. Ed. Itapoã. 1968. Salvador, BA.

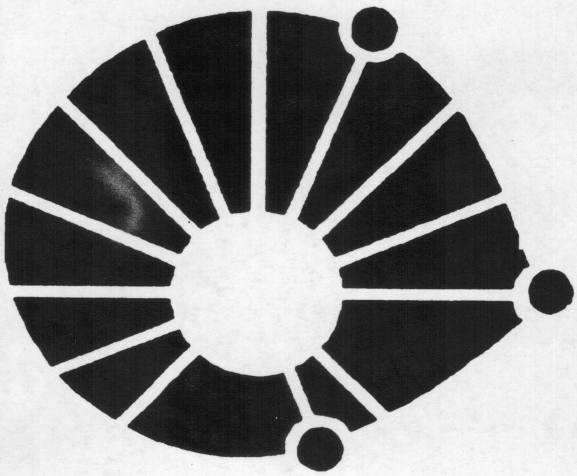
SANTOS, Marcelino dos (M. Cobrinha Verde) .CAPOEIRA E MANDINGAS. Ed. A Rasteira. Salvador, BA.1991.

TRINDADE, Solano. CANTARES AO MEU POVO. Ed. Brasiliense. São Paulo. SP. 1981.

*** É proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta publicação sem autorização**

**** Não nos responsabilizamos pelas opiniões e artigos assinados.**

APOIO



UNICAMP